

o hindú, ciente dessa verdade sagrada, desde os primórdios da sua organização neste mundo.

Em face de Jesus.

Nos bastidores da civilização, somos compelidos a reconhecer que a Índia foi a matriz de todas as filosofias e religiões da humanidade, inclusive do materialismo, que lá nasceu na escola dos "charvakas".

Um pensamento de gratidão nos toma o íntimo, examinando a sua grandeza espiritual e as suas belezas misteriosas, mas, acima dos seus "yogis" e de seus "máhatmas", temos de colocar a figura luminosa d'Aquele que é a luz do mundo, e cuja vinda á Terra se verificará para trazer a palma da concordia e da fraternidade, para todos os corações e para todos os povos, arrazando as fronteiras que separam os espíritos e eliminando os laços ferrenhos das castas sociais, para que o amor das almas substituisse o preconceito de raça no seu reinado sem fim.

VI

A FAMILIA INDO-EUROPÉIA

As migrações sucessivas.

Se as civilizações hindú e egípcia definiram-se no mundo, em breves séculos, o mesmo não aconteceu com a civilização áriana, que ia iniciar na Europa os seus movimentos evolutivos.

Somente com o escoar de muitos séculos regularizaram-se as suas migrações sucessivas, através dos planaltos da Persia. Do Iran procederam quasi todas as correntes da raça branca, que representariam mais tarde os troncos genealógicos da família indo-europeia.

Conforme afirmavam os arianos que procuravam as novas emoções de uma terra desconhecida eram, na sua maioria os espíritos revoltados com as condições do seu degrado; pouco afeitos aos misteres religiosos que, pela força das circunstâncias impunham uma disciplina de resignação e humildade, não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ansia de conquistar um novo paraíso por serenarem, assim, as suas inquietações angustiosas.

A ausência de notícias históricas.

Aí reside a razão do escasso conhecimento dos histo-

riadores, acerca dos árias primitivos que lançaram os marcos da civilização europeia.

Caminheiros do desconhecido, erraram pelas planícies e montanhas desertas, não como o povo hebreu, que guardava a palavra divina com a sua fé, mas, desarvorados e sem esperança, contando apenas com as proprias forças, em virtude do seu carater livre e insubmisso.

Suas incursões entre as tribus selvagens da Europa datam de mais ou menos dez milenios, antes da vinda do Cristo, não obstante a humanidade localizar-lhes a marcha apenas quatro mil anos antes do grande acontecimento da Judéia. E' que, em vista de sua situação psicologica, os primitivos árias do Velho Mundo não deixaram vestigios nos dominios da fé, unico caminho daqueles tempos, através do qual poderia uma raça assinalar sua passagem pela Terra. Não guardavam a historia verbal de uma religião que não possuiam. Mais revoltados e enrijecidos que todos os demais companheiros exilados no orbe terrestre, as suas reminiscencias da vida pregressa nos planos mais elevados, qual a que haviam experimentado no sistema da Capela, traduziam-se numa revolta íntima, amargurada e dolorosa contra as determinações de ordem divina. Apenas, muito mais tarde, com a contribuição dos milenios, os Celtas retornaram ao culto divino venerando as fôrças da natureza, junto dos carvalhos sagrados e os Germanos iniciaram a sua devoção ao fogo, que personificava a seus olhos a potencia criadora dos sêres e das cousas, enquanto outros povos começaram a sacrificar vitimas e objetos aos seus deuses numerosos.

A grande virtude dos árias europeus.

A misericordia do Cristo, porém, jamais deixou de acompanhar esse grande povo no seu amargurado deserto. Ao influxo de seus emissarios, as massas migra-

torias da Asia se dividiram em grupos diversos, que penetraram na Europa desde o Peloponeso até ás vastas regiões da Russia, onde se encontram os antepassados dos Gregos, Latinos, Samnitas, Umbrios, Gauleses, Scitas, Iberos, Romanos, Saxonios, Germanos, Eslavos. Essas tribus assimilaram todos os elementos encontrados em seus caminhos, impulsionando-lhes os passos nas sendas do progresso e do aperfeiçoamento. Enquanto os Semitas e Hindús se perderam na cristalização do orgulho religioso, as familias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, confraternizaram com o selvagem e nisso reside a sua maior virtude. Assimilando os aborigenes, organizou as premissas de todos os surtos das civilizações futuras. Nessa movimentação para o estabelecimento de novo "habitat", organizaram as primeiras noções politicas da vida coletiva, elegendo cada tribo, um chefe para a direção de sua vida em comum. A agricultura, as industrias pastoris, com elas encontraram os primeiros impulsos, nas estradas incertas dos que descendiam do "primata" europeu. Com as organizações economicas, oriundas do trato direto com o solo, deixaram perceber a lembrança de suas lutas no antigo mundo que haviam deixado. Bastou que inaugurassem na Terra o senso de propriedade para que o germe da separatividade e do ciúme, da ambição e do egoismo lhes destruisse os esforços benfazejos...

As rivalidades entre as tribus, na vida comum, induziram-nas aos primeiros embates fratricidas.

O Mediterraneo e o Mar do Norte

Por essa época, novos fenomenos geologicos abalam a vida do globo.

Precisava Jesus estabelecer as linhas definitivas da grande civilização, cujos primordios se levantavam; e dessas convulsões fisicas do orbe surgem renovações que

definem o Mediterraneo e o Mar do Norte, fixando-se os limites da ação daqueles nucleos de operarios da evolução coletiva.

O Cristo sabia valorizar a atividade da familia indo-européia, que, se era a mais revoltada contra os designios do Alto, era tambem a unica que confraternizava com o selvagem, aperfeiçoando-lhe os caracteres raciais, sem esmorecer na ação construtiva das oficinas do porvir. Através dos milenios, aliviou-lhe os pesares no caminho onusto de lutas e dores tenazes. Assim que, enviou-lhe emissarios em todas as crieunstancias, atendendo-lhe os secretos apelos do coração no labor educativo das tribus primitivas do continente. Suavisou-lhe a revolta e a amargura, ajudando a reconstruir o templo da fé, na esteira das gerações. Nos bosques da Armorica, os Celtas antigos levantaram os altares da crença entre as arvores sagradas da natureza. Doces revelações espirituais caem na alma desse povo mistico e operoso, que, muito antes dos saxões, povoou as terras da Grã-Bretanha.

A reencarnação de numerosos auxiliares do Mestre, em seus labores divinos, opera uma nova fase de evolução no seio da familia indo-européia, já caracterizada por expressões raciais as mais diversas. Enquanto os Germanos criam novas modalidades de progresso, o Lácio se ergue na Italia Central, entre a Etruria e a Campania; a Grecia se povoa de mestres e cantores, e todo o Mediterraneo oriental evolue com o uso da escrita, adquirido na convizinhança das civilizações mais avançadas.

Os nórdicos e os mediterraneos.

O fenomeno das trocas e os primeiros impulsos comerciais, todavia, levantam uma longa serie de barreiras entre as relações desses povos. De um lado, estavam os nórdicos e de outro permaneciam os mediterraneos, em luta acérrima e constante. A rivalidade acende nessas

duas fações os fogos da guerra, sob os céus tranqüilos do Velho-Mundo. Uns e outros, empunham as armas primitivas para as lutas de extermínio e destruição das hostes inimigas, e a linha divisoria dos litigantes se alonga justamente no local onde hoje se traçam os limites da França e da Alemanha contemporaneas.

E' como se explica essa intensidade de aversão racial entre as duas nações, contadas entre as mais progressistas e operosas do planeta. Uma tal situação psicologica entre ambas haveria de tornar-se em fatalidade historica, oriunda dos atritos entre o Germanismo e a Latinidade, nas epochas primitivas. O que se não justifica, porém, é a perpetuação dessas animosidades no curso do tempo, e pelo que se impõe, como imperativo constante, a concentração de todos os pensamentos no objetivo da fraternidade geral.

Origem do racionalismo.

Os arianos da Europa, como ficou esclarecido, não possuiram grandes ascendentes religiosos na sua formação primitiva, em vista do senso pratico que os caracterizou dos primeiros tempos de sua organização.

O racionalismo de suas concepções, a tendência para as ciencias positivas e o amor pela hegemonia e liberdade, são, dessa maneira, elucidados dentro da análise dos seus primórdios. Em matéria de religião, quasi todos os seus passos foram orientados pelos povos semitas e hindús, mas, pelo cultivo da razão, puderam aperfeiçoar a ciencia até às culminâncias das conquistas modernas.

O mundo, se muitas vezes perdeu com as suas inquietações e com as suas lutas renovadoras, muito lhes deve pela colaboração decidida e sincera no labor do pensamento, em todas as epochas e periodos evolutivos.

As advertencias do Cristo.

A sua confraternização com os terrícolas primários, encontrados no seu caminho, constitúe uma dívida sagrada da humanidade para com os seus labores planetários.

O Senhor da semeadura e da seara não lhes desconhece essa grande virtude e é por isso que as exortações de toda a natureza são por ele enviadas do Alto, nos tempos que correm, ás nações européias, afim-de que se preservem do extermínio e da destruição terrestre, arrancando-as do primitivismo para um elevado nível de aperfeiçoamento nos grandes trabalhos construtivos da evolução global; se erraram muito, foram igualmente muito sinceras, porque a sua inquietação era por levantar um novo paraíso para si mesmas e para os homens terrestres, com cujas famílias fraternizaram-se desde o princípio. Faltaram-lhes os valores espirituais de uma perfeita base religiosa, situação essa para a qual concorreram, inegavelmente, na utilização do livre arbitrio; mas o Cristo, nas dolorosas transições deste seculo ha de amparar-lhes as expressões mais dignas e mais puras, espiritualmente falando, e, no momento psicologico das grandes transformações, o fruto de suas atividades fecundas ha de ser aproveitado, como a semente nova, para a civilização do porvir.

VII

O POVO DE ISRAÉL

Israél.

Dos espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações.

Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida.

Conciente da superioridade de seus valores, nunca perdeu oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessível à comunhão perfeita com as demais raças do orbe. Entretanto, em honra da verdade, somos obrigados a reconhecer que Israél num paradoxo flagrante, antecipando-se ás conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura. Sem patria e sem lar, esse povo heroico tem sabido viver em todos os climas sociais e políticos, exemplificando a solidariedade humana nas melhores tradições de trabalho; sua existência histórica, contudo, é uma lição dolorosa das consequências nefastas do orgulho e do exclusivismo, para todos os povos do mundo.